

Álvaro de Campos

**Futilidade, irreabilidade, (...) estática de toda a arte,**

Futilidade, irreabilidade, (...) estática de toda a arte,  
Condenação dos artistas a não viver!

Ó quem nos dera, Walt,  
A terceira coisa, a média entre a arte e vida  
A coisa que sentiste, e não seja estática nem dinâmica,  
Nem real nem irreal  
Nem nós nem os outros —  
Mas como até imaginá-la?  
Ou mesmo apreendê-la  
Mesmo sem a esperança de não a ter nunca?

A dinâmica pura, a velocidade em si,  
Aquilo que dê absolutamente as coisas,  
Aquilo que chegue tactilmente aos sentidos,  
Construamos comboios, Walt, e não os cantemos,  
Cavemos e não cantemos, meu velho, o cavador e o campo,

Provemos e não escrevamos,  
Amemos e não construamos,  
Metamos dois tiros de revólver na primeira cabeça com chapéu  
E não façamos onomatopeias inúteis e vãs no nosso verso  
No nosso verso escrito em prosa, e depois [...].

Poema que esculpisse em Móvel e Eterno a escultura,  
Poema que (...)se palavras  
Que (...) ritmo o canto, a dança e (...)  
Poema que fosse todos os poemas,  
Que dispensasse bem outros poemas,  
Poema que dispensasse a Vida.  
Irra, faço o que quero, estorça o que estorça no meu ser central,

Force o que force em meus nervos industriados a tudo,  
Maquine o que maquine no meu cérebro furor e lucidez,  
Sempre me escapa a coisa em que eu penso,  
Sempre me falta a coisa que (...) e eu vou ver se me falta,  
Sempre me falta, em cada cubo, seis faces,  
Quatro lados em cada quadrado do que quis exprimir,  
Três dimensões na solidez que procurei perpetuar...  
Sempre um comboio de criança movido a corda, a corda,  
Terá mais movimento que os meus versos estáticos e lidos,  
Sempre o mais verme dos vermes, a mais química célula viva  
Terá mais vida, mais Deus, que toda a vida dos meus versos,  
Nunca como os duma pedra todos os vermelhos que eu descreva,  
Nunca como numa música todos os ritmos que eu sugira!  
Nunca como (...)  
Eu nunca farei senão copiar um eco das coisas,  
O reflexo das coisas reais no espelho baço de mim.

A morte de tudo na minha sensibilidade (que vibra tanto!)  
A secura real eterna do rio lícido da minha imaginação!  
Quero cantar-te e não posso cantar-te, Walt!  
Quero dar-te o canto que te convenha,  
Mas nem a ti, nem a nada, — nem a mim, ai de mim! — dou um canto...  
Sou um surdo-mudo berrando em voz alta os seus gestos,  
Um cego fitando à roda do olhar um invisível-tudo

Assim te canto, Walt, dizendo que não posso cantar-te!  
Meu velho comentador da multiplicidade das coisas,  
Meu camarada em sentir nos nervos a dinâmica marcha  
Da perfeita físico-química da  
Da energia fundamental da aparência das coisas para Deus,  
Da distinta forma de sujeito e objecto para além da vida

Andamos a jogar às escondidas com a nossa intenção...  
Fazemos arte e o que queremos fazer afinal é a vida.  
O que queremos fazer já está feito e não está em nós fazê-lo,  
E fá-lo o [...] melhor do que nós, mais de perto,  
Mais instintivamente [...]

Sim, se o que nos poemas é o que vibra e fala,  
4O mais casto gesto da vida é mais sensual que o mais sensual dos poemas,  
Porque é feito por alguém que vive, porque é (...) porque é Vida.

s. d.

«Saudação a Walt Whitman». Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 24t.